

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

O PROBLEMA DA LEGITIMIDADE DOS *CURSOS DE ESTÉTICA* DE HEGEL¹

Guilherme Ferreira²,

Resumo:

O trabalho aborda o problema da legitimidade da primeira edição dos *Cursos de estética* de Hegel, editados por Heinrich Gustav Hotho e publicados pela primeira vez em 1835. A questão central levantada, sobretudo, por intérpretes que estudam a estética hegeliana – desde que o projeto de compilação das aulas sobre estética de Hegel começou a circular dentro e fora da Alemanha – é a seguinte: a edição de Hotho é um retrato fiel do sistema das artes de Hegel ou se trata de uma falsificação? Essa pergunta foi levada tão a sério pelos intérpretes a ponto de impulsionar a publicação de três outros projetos editoriais da estética de Hegel: as chamadas edições crítico-históricas da estética hegeliana. Desde a consolidação das duas primeiras edições críticas (de Lasson e de Gethmann-Siefert) um novo impasse veio se somar ao primeiro: entre as quatro edições da estética qual seria a mais indicada? O estudo “dual” da estética hegeliana é atualmente uma exigência obrigatória? Defendemos que as edições de Hotho são legítimas, embora um estudo “dual” seja atualmente recomendado.

Palavras-chave: Hegel; Estética; Hotho; Edições críticas.

Abstract:

The work addresses the problem of legitimacy of the first edition of Hegel's *Aesthetics Courses*, edited by Heinrich Gustav Hotho and first published in 1835. The central question raised, above all, by interpreters who study Hegel's aesthetics – since the project to compile Hegel's classes on aesthetics began to circulate inside and outside Germany – is the following: is Hotho's edition a faithful portrait of Hegel's system of arts or is it a forgery? The sign of how seriously this question was taken by the interpreters is the publication of three other editorial projects on Hegel's aesthetics: the so-called critical-historical editions. Since the consolidation of the first two critical editions (by Lasson and Gethmann-Siefert) a new impasse has come to the fore: which of the four editions of the aesthetics would be the most suitable? Is the "dual" study of Hegelian aesthetics currently a mandatory requirement? We claim that the Hotho editions are legitimate, although a "dual" study is currently recommended.

Keywords: Hegel; Aesthetics; Hotho; Critical Editions.

¹ The Legitimacy Problem of Hegel's *Lectures on Aesthetics*

² Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com período de estágio doutoral na Freie Universität Berlin (FUB). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes e Capes-Print). Endereço d e-mail: guilhermecicm@ufmg.br.

O problema da legitimidade da primeira edição dos *Cursos de estética* (*Vorlesungen über die Ästhetik*) de Hegel emerge, antes de tudo, do fato de não ter sido ele o editor dessa obra. Como nos lembra Jaeschke³, em maio de 1821, Hegel cogitou a possibilidade de publicação dos cursos de 1820, o que não ocorreu⁴. Foi seu aluno e amigo Heinrich Gustav Hotho quem se empenhou, após a morte do mestre, em 1831, em organizar e editar o que viria a ser considerada mais tarde, em 1835, a edição definitiva da estética hegeliana. O desejo por uma edição “padrão”, inicialmente, teria se concretizado. Em 1842, foi publicada uma segunda edição da obra, mas as modificações nela consolidadas se pautaram exclusivamente em questões estilísticas⁵, sendo as estruturas gerais e os conteúdos particulares integralmente preservados. Isso porque, sete anos após a publicação da primeira edição “oficial” dos *Cursos*, Hotho ainda se considerava satisfeito com o trabalho realizado, e resistia a pressões externas para que o livro tivesse seu tamanho reduzido, ainda que a sua espessura dificultasse a difusão do pensamento estético de Hegel.⁶

Hotho teve amplo acesso aos materiais relacionados aos cursos sobre estética de Hegel. Os manuscritos, as anotações de próprio punho de Hegel e os cadernos dos alunos que acompanharam suas aulas serviram de base para Hotho no trabalho de compilação dos três volumes da obra.⁷ Uma parte significativa desse material chegou às mãos de Hotho em 1831/32. Hegel realizou cinco cursos sobre o tema, sendo o primeiro oferecido em Heidelberg (no verão de 1818) e os demais em Berlim, entre 1820 e 1829. Logo após o falecimento de Hegel foi criado um projeto para a ampla publicação de suas obras, o que culminou na criação da primeira sociedade hegeliana: a Sociedade dos amigos do falecido. Como nos lembra Marco Aurélio Werle, Christoph Jamme⁸ analisou o contexto desse empreendimento e concluiu que o projeto de publicação das obras de Hegel foi marcado por fortes intenções políticas, cujo objetivo central era manter viva a fama de um filósofo sistemático e conservador. Por outro lado, a pressa para a publicação das obras de Hegel e o ímpeto para a manutenção da sua fama provocaram mais tarde reações adversas, dentre as quais convém destacar a convocação de Schelling pelo rei Frederico Guilherme IV para ocupar a cátedra

³ JAESCHKE, Walter. **Hegel Handbuch**: Leben, Werk, Schule. 3 Auflage. Stuttgart: J. B. Metzler Verlag GmbH, 2016, p. 384.

⁴ Segundo Gethmann-Siefert, “embora o próprio Hegel tivesse planejado publicar a estética desde o início das suas preleções em Berlim, ele não as concluiu [...] Até a sua morte súbita em 1831, a sua estética ainda não estava completa”. GETHMANN-SIEFERT, Annemarie. *In*: HEGEL, George W. F. **Philosophie der Kunst: Vorlesungen von 1826**. Herausgegeben von Annemarie Gethmann-Siefert und Jeong-Im Kwon und Karsten Berr. 3 Auflage. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2016, p. 9.

⁵ HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética II**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 347.

⁶ HEGEL, 2000, p. 348.

⁷ HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética I**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 19.

⁸ JAMME, Christoph, 1984, p. 184-209 apud WERLE, Marco Aurélio. **A poesia na estética de Hegel**. São Paulo: Humanitas, 2005, p. 24.

de Hegel, com o objetivo de “combater a crescente influência política que continuou a se prolongar dez anos após a morte de Hegel”.⁹

As duas edições de Hotho (1835 e 1842) se firmaram como sendo, de fato, as versões definitivas da estética de Hegel e foram utilizadas amplamente na recepção crítica ao longo dos séculos XIX e XX. Como nos lembra Werle¹⁰, Marx, Kierkegaard, Lukács e Adorno analisaram a estética de Hegel a partir dessas duas edições. Todavia, quase um século após a publicação da segunda edição de Hotho, Georg Lasson¹¹, em 1931, apostou em uma nova edição das preleções sobre estética de Hegel, agora pautada integralmente nos cadernos de anotações dos alunos de Hegel. Nesse sentido, “Lasson colocou pela primeira vez em dúvida a edição feita por Hotho”¹², embora o seu trabalho tenha se resumido à publicação de um único volume (*A ideia e o ideal*).¹³

Cerca de três décadas após a interrompida tentativa de Lasson de construir uma versão alternativa da estética hegeliana, fundou-se na cidade de Bonn o *Arquivo Hegel*. Esse empreendimento, liderado por Heinz Heimsoeth, localizou, reuniu e recuperou diversos textos, manuscritos e anotações dos alunos de Hegel¹⁴, dentre os quais uma boa parte já foi editada e publicada nas últimas duas décadas. Entre os pesquisadores que se dedicaram a estudar esses materiais recuperados pelo *Hegel-Archiv*, destaca-se a pesquisa de Annemarie Gethmann-Siefert que, a partir década de 1980, se empenhou em colocar à prova as desconfianças levantadas por Lasson e pela recepção crítica acerca da autenticidade das edições de Hotho. Os diagnósticos de Gethmann-Siefert depõem decididamente contra Hotho, e o colocam na posição de falsificador da estética de Hegel.

No artigo “Estética ou filosofia da arte”, publicado em 1991 na revista *Hegel-Studien*, e, mais tarde, em 1998, na introdução ao segundo volume da edição crítica da estética de Hegel¹⁵, a saber, o volume sobre os *Cursos de filosofia da arte* de

⁹ DUDLEY, Will. **Idealismo alemão**. Trad. Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 155.

¹⁰ WERLE, 2005, p. 24.

¹¹ Gethmann-Siefert nos lembra que Lasson, com base na revisão das edições de Hotho – a partir dos cadernos de anotações dos alunos de Hegel de 1823 e 1826 – “considera os juízos de Hegel sobre a arte como a parte estranha de sua estética, pois muitas vezes não podem ser provados a partir das fontes”. GETHMANN-SIEFERT, Annmarie. In: HEGEL, Georg W. F. **Vorlesungen über die Philosophie der Kunst: im Sommersemester 1823**. 2 Auflage. Hg. Annemarie Gethmann-Siefert. Hamburgo: Felix Meiner, 2003, p. XVIII.

¹² GETHMANN-SIEFERT, In: HEGEL, 2003, p. XVIII.

¹³ O referido volume de Lasson foi traduzido para o português por Orlando Vitorino e Álvaro Ribeiro (publicado em 1953) e incorporado, mais tarde, à coleção brasileira *Os pensadores*, (publicada em 1988), sendo (até onde se sabe) a primeira tradução (incompleta) da estética de Hegel publicada no Brasil. Sobre a referida publicação brasileira, conferir: HEGEL, Georg W. F. **Estética: A ideia e o ideal**. Trad. Orlando Vitorino e Álvaro Ribeiro. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1988, p. 77-107.

¹⁴ WERLE, 2005, p. 25.

¹⁵ A primeira edição crítica da estética de Hegel foi publicada em 1995 e editada por Helmut Schneider, que igualmente colaborou com o Arquivo-Hegel na mesma época de Gethmann-Siefert. A edição de Schneider se refere à transcrição do *Caderno de anotações* de

1823¹⁶, Gethmann-Siefert faz duras críticas às edições de Hotho, entre as quais se incluem a acusação de falsificação da estética de Hegel, a excessiva sistematização e a hipostatização do conceito hegeliano de arte, e a desvalorização da relevância da estética de Hegel na atualidade. Em relação à falsificação da estética, Gethmann-Siefert afirma, entre outras coisas, que Hotho teria modificado por conta própria diversas passagens das anotações de aulas¹⁷ dos alunos de Hegel, distorcendo e acrescentando recorrentemente sentenças ao texto original. Segundo Gethmann-Siefert, “a observação dos cadernos [*Nachschriften*] das preleções sobre estética de Berlim de 1820/21, 1823, 1826 e 1828/ 29 mostra modificações consideráveis, tanto nos aspectos factuais quanto formais”¹⁸, quando comparados à edição de Hotho. Por meio dessa comparação, é possível provar não apenas a existência de um “novo Hegel”,¹⁹ mas também de uma concepção original da estética hegeliana, a qual está presente apenas nos *Cadernos (Mitschriften und Nachschriften) de aula* dos alunos e manuscritos (*Manuskripten*) de Hegel.²⁰ Além disso, é possível mostrar que “a confiança na autenticidade e originalidade da estética, que até hoje permaneceu ininterrupta, não tinha fundamento *in re*”.²¹

Em relação ao problema da sistematização da estética hegeliana, Gethmann-Siefert considera que o caráter hipostático da edição de Hotho não diz respeito à interpretação de Hegel sobre as artes. “A estruturação filosófica sobre a efetividade das artes e a resultante ligação racionalmente reconstruída entre a visão filosófica e histórica da arte em uma abordagem fenomenológica distingue as preleções da versão impressa da estética.”²² Na visão de Gethmann-Siefert, Hegel teria proposto uma abordagem estética experimental, um “trabalho em desenvolvimento do início ao fim”²³, cujos desdobramentos filosóficos não estão

Ascheberg, referente as aulas de 1820/21. Conferir: HEGEL, Georg W. F. **Vorlesungen über Ästhetik**. Berlin 1820/21. Eine Nachschrift. 1 Auflage. Hg. von Helmut Schneider. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1995.

¹⁶ O primeiro volume crítico editado por Gethmann-Siefert se refere à transcrição do *Caderno de anotações* de Hotho (manuscritos e anotações de revisão) que, aliás, é o único caderno preservado em relação aos cursos de verão de 1823, assim como é o caso do *Caderno de anotações* de Ascheberg, referente às aulas de 1820/21. O volume crítico editado por Gethmann-Siefert foi publicado em 1998, tendo uma segunda edição lançada em 2003.

¹⁷ Em suas edições, Gethmann-Siefert (GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2016, p. 41) faz distinção entre manuscrito (*Manuskript*) e anotações de revisão (*Nachschriften*), pois ela entende que o teor de verdade dos manuscritos é mais confiável que o das anotações: os primeiros seriam copiados em sala de aula, enquanto Hegel ditava os seus manuscritos; os segundos seriam revisões feitas pelos alunos de Hegel em casa. Sobre os ditados, Gethmann-Siefert (2016, p. 9-11) afirma que Hegel fazia a leitura dos seus manuscritos durante três ou quatro horas e que os seus manuscritos referentes ao primeiro curso de Berlim de 1820/21 foram lidos em todos os cursos posteriores.

¹⁸ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2003, p. XXII.

¹⁹ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2003, p. XVII.

²⁰ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2003, p. XV-XVI.

²¹ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2003, p. XXII.

²² GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2003, p. XV-XVI.

²³ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2003, p. XXII. Segundo Gethmann-Siefert, “Hegel trabalhou e modificou a sua estética até à última preleção. Por exemplo, inseriu excertos, notas e novos esboços no manuscrito de Berlim para acompanhar a preleção”.

submetidos a um “sistema dogmático”.²⁴ Por meio da exclusão total dos cadernos de 1818 e 1820/21 e da exclusão parcial dos cadernos de 1826 e 1828/29, Hotho tirou proveito do seu próprio caderno de anotações para “integrar o sistema dialético de Hegel no seu pensamento sobre a arte”.²⁵ Essa integração sistemática não aparece nos cadernos de anotações dos alunos de Hegel, incluindo o caderno do próprio Hotho. Por exemplo, nos cadernos de 1820/21, 1823 e 1826, as divisões das partes não correspondem à divisão sistemática e triádica implementada pela versão definitiva de Hotho. A “Introdução” é frequentemente seguida por uma “parte geral”, por sua vez subdividida nos tópicos “A ideia e o ideal do belo artístico” e “As formas de arte particulares” (simbólica, clássica e romântica); a “parte específica”, que trata das obras de artes (arquitetura, escultura, música, pintura e poesia), é classificada como a segunda e última parte dos cadernos. Para Gethmann-Siefert as alterações implementadas por Hotho implicam em redundância e contradição no que se refere às pretensões autênticas de Hegel. Assim, afirma a autora:

Tais ponderações são perdidas na versão impressa da estética. Nela, Hotho começa por atribuir os exemplos que Hegel tinha dado sobre as características do “simbólico”, “clássico” e “romântico” na “parte geral”, mas repete-os na “parte específica” – frequentemente de uma forma diferente, por vezes até contraditória. Tais duplicações tornam o texto da versão impressa consideravelmente mais extenso, mais confuso e, devido a considerações contraditórias, mais incompreensível do que o dos cadernos.²⁶

Em relação à desvalorização da estética de Hegel na atualidade, Gethmann-Siefert considera que as edições de Hotho contribuíram diretamente para os equívocos interpretativos por grande parte da recepção crítica da estética hegeliana. Por um lado, “a forma sistemática e completa da filosofia da arte é considerada por muitos como a obra original de Hegel” e, por isso mesmo, deve ser usada como “introdução à sua filosofia”.²⁷ Isso significa que a estética de Hegel deve ser “comprada no varejo”, uma vez que, “no atacado”, o próprio sistema do espírito absoluto reserva à arte um lugar introdutório. Essa é a visão, por exemplo, da recepção crítica marxista, da sociologia da arte e dos estudos literários que, frequentemente, “utilizam a estética de Hegel como apoio para os seus conceitos básicos”.²⁸ Por outro lado, segundo Gethmann-Siefert, “este quadro de efeito não-filosófico da estética hegeliana”²⁹ é igualmente frequente nas interpretações acerca do famigerado tema do “fim da arte”. Na visão da intérprete, sendo o “fim da arte” um desdobramento inevitável da consideração sistêmica atribuída ao conceito hegeliano de arte, ora ele aponta para acusações de que Hegel seria um defensor do classicismo na arte, ora ele sugere a transformação da “morte” em “vida”, do “fim” em “futuro” na tentativa de salvaguardar a arte presente do peso

²⁴ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XX.

²⁵ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XXIII.

²⁶ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XXII.

²⁷ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XVI.

²⁸ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XVI.

²⁹ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XVI.

da “compulsão sistêmica”³⁰ forjada pelas edições de Hotho. Nessa “manobra interpretativa”, frequentemente “o caráter sistemático da estética é mantido, mas a tese do fim da arte é tacitamente substituída pela tese do futuro inconclusivo das artes”.³¹

Nesse sentido, de acordo com Gethmann-Siefert, o grande prejuízo de tomar a versão de Hotho como base interpretativa consiste no fato de que, embora a diversidade e a discrepância nas interpretações estéticas possam ser examinadas e criticadas³², ainda assim elas não podem ser finalmente equacionadas, “uma vez que as provas retiradas da versão impressa são tão ambíguas e universalmente aplicáveis que se perde uma concepção concisa e consistente em contradições”.³³ A saída resolutiva para esses problemas seria, portanto, a adoção dos cadernos de anotações dos alunos de Hegel como sendo a base central de compreensão da filosofia da arte hegeliana. Gethmann-Siefert está convencida de que, ao conhecer de perto esse novo material, nós descobrimos não apenas um “novo Hegel”, mas entendemos, sobretudo, que,

para ele, a filosofia da arte consistia em determinar a realização cultural da arte tendo em vista as condições históricas. Em particular, Hegel queria obter uma estrutura para o ideal, a realização viva da ideia de razão na obra de arte, que permitisse distinguir, historicamente, os momentos do significado cultural da arte [...]. Nesse sentido, a sua concepção de “formas artísticas” revela um envolvimento com o fenômeno histórico e as diferenças nos seus efeitos, o que representa a atualidade real das suas considerações.³⁴

Helmut Schneider, quem, antes de Gethmann-Siefert, editou o primeiro volume das edições críticas da estética de Hegel (com base nos *Cadernos de anotações* de Ascheberg, de 1820/21), discorda das acusações de Gethmann-Siefert sobre a inautenticidade das edições de Hotho. Para Schneider³⁵, o impacto da influência de Hotho sobre o processo de compilação da edição definitiva da estética não atinge um determinado nível que nos permita “falar de uma ‘falsidade’, uma vez que a falsidade pressupõe uma vontade consciente para falsidade, que Hotho com certeza não possuía”. Compartilhando da posição de Schneider, Marco Aurélio Werle também discorda da posição de Gethmann-Siefert. No começo da década de 2000, Werle investigou as posições críticas de Gethmann-Siefert em relação a Hotho e nos lembra, além do que já tratamos anteriormente, o seguinte:

Segundo Gethmann-Siefert, Hotho teria tido divergências com Hegel sobre o objeto artístico: Hotho teria defendido uma arte religiosa (pintura italiana) ao passo que Hegel teria defendido uma arte prosaica (pintura holandesa); Hotho teria intenções sistemáticas, Hegel, na verdade, assistemáticas; Hotho estaria

³⁰ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XV.

³¹ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XIX.

³² GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XVII.

³³ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XVIII.

³⁴ GETHMANN-SIEFERT, *In: HEGEL*, 2003, p. XX.

³⁵ SCHNEIDER, 1997, p. 35 apud WERLE, 2005, p. 27.

comprometido com uma posição política de defesa de uma cultura nacional, Hegel seria mais democrático e liberal; Hotho seria adorador de Goethe, Hegel mais inclinado para poesia de Schiller etc. etc.³⁶

Contra a posição de Gethmann-Siefert, a posição adotada por Werle se resume em dois aspectos importantes: o das fontes e o do conteúdo da estética de Hegel. Em relação à questão das fontes, Werle esclarece que é impossível acusar Hotho de falsificar a estética de Hegel uma vez que “não dispomos do manuscrito utilizado por Hegel em seus cursos, o qual Hotho, para fazer a sua edição, ainda tinha em mãos”.³⁷ Por outro lado, no que concerne ao conteúdo, se colocarmos lado a lado a versão de Hotho e os cadernos de anotações dos alunos de Hegel “certamente notaremos diferenças, mas muito mais semelhanças”.³⁸ Para Werle, “uma leitura atenta do material disponível evidencia que a edição final de Hotho é a expressão da estética de Hegel, ou pelo menos concorda com a sua espinha dorsal”.³⁹ Nesse sentido, o intérprete defende o uso dos cadernos de anotações como materiais complementares (e não em contradição com as edições de Hotho) na medida em que eles oferecem novidades que esclarecem aspectos particulares e estruturais da estética hegeliana.⁴⁰ Em 1980, em um artigo que discutiu o *Problema de edição das transcrições dos cursos de Hegel*, Walter Jaeschke⁴¹ propôs um trabalho de comparação entre os diferentes *Cadernos de anotações* dos alunos de Hegel, como forma de averiguar a “fidelidade” do material em relação às reais intenções de Hegel. Entretanto, no mesmo artigo, o próprio Jaeschke considerou os limites dessa proposta ao apontar que a perda progressiva ao longo do tempo de boa parte desses materiais, sobretudo dos manuscritos (*Manuskripten*), acarretaria impasses significativos no trabalho de comparação. Werle acrescentou a esse impasse de Jaeschke uma segunda dificuldade: “o estabelecimento da ‘autenticidade’ ou ‘fidelidade’ dos cadernos de alunos não poderia ser feito dada a própria natureza desses cadernos: eles são uma *cópia feita por alunos*”.⁴²

Atualmente, Jaeschke (editor responsável pelas últimas edições críticas da estética de Hegel) tem defendido a substituição (*Ersetzen*) das edições de Hotho, o que em certa medida corrobora a proposta de Gethmann-Siefert. Segundo Jaeschke, “apenas a publicação histórico-crítica de todos os anos de cursos, incluindo os cursos de 1828/29, substituirá a edição de Hotho, colocará fim ao agora necessário estudo ‘dual’ das transcrições e edições, e permitirá um julgamento final sobre a edição de Hotho”.⁴³ Por outro lado, Jaeschke reconhece que, mesmo após a publicação integral das edições histórico-críticas, dificilmente será possível um julgamento definitivo acerca das edições de Hotho uma vez que boa parte dos

³⁶ WERLE, 2005, p. 26.

³⁷ WERLE, 2005, p. 30.

³⁸ WERLE, 2005, p. 30.

³⁹ WERLE, 2005, p. 31.

⁴⁰ WERLE, 2005, p. 33.

⁴¹ JAESCHKE, Walter. Probleme der Edition der Nachschriften von Hegels Vorlesungen. *Allgemeine Zeitschrift für Philosophie* 1, 1980, p. 51-63 apud WERLE, 2005, p. 28.

⁴² WERLE, 2005, p. 29.

⁴³ JAESCHKE, 2016, p. 385.

materiais utilizados por ele foram perdidos.⁴⁴ Em razão disso, “o perigo de um julgamento errado das edições de Hotho nunca pode ser completamente descartado”.⁴⁵

Se, por um lado, Jaeschke corrobora a proposta de Gethmann-Siefert no que concerne à substituição das edições de Hotho, por outro lado ele contesta grande parte das críticas de Gethmann-Siefert a Hotho. Quanto à questão da divisão triádica da versão de Hotho, Jaeschke a considera pertinente, ainda que a divisão apresentada nos cadernos de 1820/21, 1823 e 1826 evidencie outra estrutura, dividida em duas partes (geral e específica). Segundo Jaeschke,⁴⁶ é preciso considerar que Hegel não teve de inventar a estrutura da estética da mesma forma como ocorrera com as demais disciplinas, uma vez que “a sugestão de dividir a estética em duas partes, sem dúvida, remonta à Schelling”.⁴⁷ Antes de Hegel, “Schelling já havia dividido seus *Cursos de Jena* (1802) em uma ‘parte geral’ e uma ‘parte específica’”.⁴⁸ Todavia, com a separação da história da arte da “parte geral” (que trata do conceito de arte em geral) e a sua transposição à “parte específica” (que trata das formas particulares de arte), Hegel superou a divisão adotada por Schelling “e chegou, assim, a uma versão que oferece a esta segunda parte da estética uma posição que corresponde tanto ao seu conceito como ao seu peso em termos de conteúdo”.⁴⁹ Essa associação das formas particulares de arte à “parte específica” da estética pode ser constatada com maior clareza nos últimos cursos de Hegel (de 1828/29), onde a segunda parte é seguida de uma terceira, (a ‘parte individual’), “na qual as artes individuais são agora apresentadas em detalhe através de exemplos”.⁵⁰ Frente a essa evidência, “não é incompreensível que Hotho – diante da escolha entre a concepção dos três primeiros cursos e a do quarto – baseie a sua edição nesta última concepção”.⁵¹

Sobre a acusação de “obsessão sistêmica” por parte das edições de Hotho, Jaeschke⁵² discorda de Gethmann-Siefert e considera ser um “esforço fútil a tentativa de salvar a estética de Hegel e especialmente a sua “atualidade” jogando o “fenômeno” contra o “sistema”, isto é, eliminando o que para Hegel é o caráter

⁴⁴ Por exemplo, dos manuscritos de Hegel da época de Heidelberg restam apenas pedaços curtos de textos, incluindo uma parte que trata do conceito de objetividade da arte e uma segunda parte que trata do conceito de fantasia simbólica. Esses poucos fragmentos foram editados e já se encontram publicados no volume 18 (que reúne diversos manuscritos de cursos ofertados por Hegel entre 1816 e 1831) da coleção *Gesammelte Werke-Hegel*. Cf. HEGEL, Georg W. F. *Vorlesungsmanuskripte II* (1816-1831). **Gesammelte Werke** Band 18. Herausgegeben von Walter Jaeschke. Düsseldorf: Felix Meiner, 1995, p. 115-117.

⁴⁵ JAESCHKE, 2016, p. 386.

⁴⁶ JAESCHKE, 2016, p. 386.

⁴⁷ JAESCHKE, 2016, p. 386.

⁴⁸ JAESCHKE, 2016, p. 386.

⁴⁹ JAESCHKE, 2016, p. 386.

⁵⁰ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2016, p. XXXVIII apud JAESCHKE. 2016, p. 387.

⁵¹ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2016, p. XXXVIII apud JAESCHKE. 2016, p. 387.

⁵² JAESCHKE, 2016, p. 386.

específico de suas filosofias reais”. Para Jaeschke, o sistema estético de Hegel não consiste em “construções conceituais mecanicistas-dialéticas”, nas quais o conceito é extraído da realidade, mas trata-se antes da “penetração conceitual dos fenômenos”.⁵³ Do mesmo modo, a especificidade da filosofia da arte de Hegel sempre foi marcada, desde as primeiras elaborações, pela “combinação entre fenômenos sistemáticos e históricos”.⁵⁴

Todavia, ainda segundo a perspectiva de Jaeschke, se procurarmos o fundamento completo do caráter sistemático da filosofia da arte de Hegel apenas no interior dos *Cursos de estética* (seja na versão de Hotho seja nos cadernos e transcrições), certamente nossa interpretação será insatisfatória. É exigida uma “abordagem filosófica abrangente de Hegel”.⁵⁵ Na visão exposta em um livro recente, Jaeschke⁵⁶ reafirma que a estética de Hegel deve ser analisada dentro do quadro de sua filosofia do espírito, cuja abordagem estética compõe apenas uma parte do conjunto sistemático-filosófico. Nesse sentido, Jaeschke considera indispensável a análise do conjunto de textos nos quais Hegel tratou do conceito de arte para que se possa acompanhar a evolução e as modulações do seu pensamento sobre arte. Dentre esses textos, inclui-se as primeiras notas de Hegel sobre arte, os *Fragmentos de manuscritos de cursos*, texto de 1801/02⁵⁷; a seção C (Arte, religião e ciência) dos *Manuscritos de cursos sobre filosofia real*, 1805/06⁵⁸; a seção “Religião da arte” da *Enciclopédia* de Heidelberg, de 1817⁵⁹ e os §§ 556-563 (da seção “arte”) das duas edições da *Enciclopédia* de Berlim, de 1827 e 1830.⁶⁰ De acordo com Jaeschke, a

⁵³ JAESCHKE, 2016, p. 386.

⁵⁴ GETHMANN-SIEFERT, *In*: HEGEL, 2016, p. XCI apud JAESCHKE, 2016, p. 386.

⁵⁵ JAESCHKE, 2016, p. 387.

⁵⁶ A perspectiva da filosofia do espírito se distingue em certa medida da perspectiva da filosofia da consciência. Essa estaria mais ligada à dimensão do Saber absoluto, da Fenomenologia do Espírito (1807), ao passo que aquela estaria mais ligada à dimensão da antropologia e da psicologia, da Enciclopédia das Ciências Filosóficas. Jaeschke trata dessa questão no seu último livro Hegels Philosophie. (Cf. JAESCHKE, Walter. Hegels Philosophie. Hamburgo: Felix Meiner, 2020, p. 9; 319-334).

⁵⁷ HEGEL, Georg W. F. Schriften und Entwürfe (1799-1808). **Gesammelte Werke** Band 5. Herausgegeben von Manfred Baum und Kurt Rainer Meist. Düsseldorf: Felix Meiner, 1998, p. 264-265.

⁵⁸ HEGEL, Georg W. F. Jenaer Systementwürfe III. **Gesammelte Werke** Band 8. Herausgegeben von Rolf-Peter Horstmann und Johann Heinrich Trede. Düsseldorf: Felix Meiner, 1976, p. 277-287.

⁵⁹ HEGEL, Georg W. F. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1817). **Gesammelte Werke** Band 13. Herausgegeben von Wolfgang Bonsiepen und Klaus Grotzsch. Düsseldorf: Felix Meiner, 2000, 280-282.

⁶⁰ HEGEL, Georg W. F. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1827). **Gesammelte Werke** Band 19. Herausgegeben von Wolfgang Bonsiepen und Hans Christian Lucas. Düsseldorf: Felix Meiner, 1989, p. 500-512; HEGEL, Georg W. F. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830). **Gesammelte Werke** Band 20. Herausgegeben von Wolfgang Bonsiepen und Hans Christian Lucas. Düsseldorf: Felix Meiner, 1992, p. 568-574.

análise acurada desse conjunto de textos nos leva a confirmação de que, tanto o conceito de espírito é uma dimensão essencialmente histórica (e não meramente psicológica), quanto “o tratamento da definição de história é parte integrante de uma filosofia do espírito objetivo ou absoluto”.⁶¹ Com base nesse pressuposto, torna-se notório que o caráter sistemático da estética hegeliana não é algo forjado por Hotho (como o acusa Gethmann-Siefert), mas sim um empreendimento do próprio Hegel. Do mesmo modo, torna-se notório que o caráter incompleto, latente e até mesmo contraditório do conceito de belo artístico não é um problema exclusivo da versão de Hotho, mas de todos os materiais disponíveis⁶²; em Hegel, “as respectivas explicações do conceito de belo estão sempre muito aquém do grau de elaboração conceitual que se pode e se deve exigir para o tratamento de um conceito central”.⁶³

Em relação às novas *edições críticas* da estética de Hegel, encontram-se publicados até o momento dois projetos editoriais, pautados nos mesmos materiais, especialmente, nos cadernos de anotações dos alunos de Hegel, preservados pelo *Arquivo Hegel* e pelas bibliotecas públicas da Alemanha. O primeiro projeto é editado por Gethmann-Siefert e o segundo (que compõe quatro volumes do projeto *Obras coletadas*⁶⁴) por Niklas Hebing e Walter Jaeschke. Todos os volumes das edições de Gethmann-Siefert já se encontram publicados (ver referência bibliográfica), por diferentes editoras alemãs (Fink, Meiner e Suhrkamp). As edições incluem os cadernos de anotações de Hotho (1823), os cadernos de Kehler e Pfordten (1826) e os cadernos de Adolf Heimann (1828/29), divididos em “manuscritos” (*Manuskripten*) e “anotações” (*Nachschriften*), além de outros fragmentos e manuscritos do próprio Hegel. Já os cadernos de anotações de Ascheberg (1820/21) foram editados por Helmut Schneider. O segundo projeto

⁶¹ JAESCHKE, 2016, p. 387.

⁶² Nesse sentido, Jaeschke faz a seguinte proposta de leitura acerca do belo artístico em Hegel: “Para a arte, o conceito de beleza permanece constitutivo - mas apenas no sentido geral, formal do ‘belo artístico’. Mesmo as artes que já não são ‘belas artes’ continuam a ser ‘belas’. O conceito mais estrito e material de beleza, por outro lado, tem um lugar histórico muito específico, longínquo e, além disso, sem importância, acessível apenas à memória, a partir do qual ainda se irradia algo para o presente. E é por isso que, em relação a Hegel, não convém falar de ‘dissolução da beleza’, mas sim de ‘beleza dupla’” (JAESCHKE, Walter. *Die Gedoppelte Schönheit. Idee des Schönen oder Selbstbewusstsein des Geistes? Gebrochene Schönheit. Hegels Ästhetik: Kontexte und Rezeptionen.* Hg. von A. Arndt, G. Kruck und J. Zovko. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 2014, p. 29).

⁶³ JAESCHKE, 2016, p. 390.

⁶⁴ O projeto *Gesammelte Werke-Hegel* editou e publicou, até o momento, quarenta volumes das obras de Hegel. Esses volumes incluem a reedição de todas as obras editadas por Hegel, assim como grande parte de seus cursos, manuscritos, fragmentos de manuscritos, cadernos de anotações dos alunos, artigos e ensaios e, até mesmo, a tese de doutorado de Hegel (1801), intitulada de *Orbitis Planetarum* (Cf. HEGEL, **GW** 5, 1998, p. 221-254). Além disso, já se encontram publicados catálogos tanto do projeto quanto da *Biblioteca Hegel*. A coordenação do projeto tem a assinatura de Walter Jaeschke, que igualmente editou os materiais sobre estética, lógica e filosofia da religião, em parceria com outros editores. Sobre as diretrizes do projeto conferir: JAESCHKE, Walter; BAUER, Christoph J. Georg Wilhelm Friedrich Hegel: Das Editionsprojekt der Gesammelten Werke. *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, 62, n. 1, Bochum, 2014, p. 41-63.

editorial é mais amplo, pois inclui não apenas as edições críticas da estética, mas também todos os materiais relacionados à Hegel. Quanto aos quatro volumes sobre estética, até o momento foram publicados dois, sendo o primeiro⁶⁵ referente aos cursos de 1820/21 e 1823 (cadernos de Ascheberg e Hotho) e o segundo⁶⁶ referente aos cursos de 1826 (cadernos de Kehler e Pfordten). Os dois últimos volumes estão previstos para serem publicados neste ano. O terceiro volume⁶⁷ se refere aos cursos de 1828/29 (cadernos de Adolf Heimann); e o quarto⁶⁸ se refere ao relatório final dos editores. Os volumes até agora publicados incluem os cadernos de anotações dos alunos de Hegel, os fragmentos de manuscritos do próprio Hegel, além de outros fragmentos anônimos de anotações dos alunos que frequentaram os cursos de estética de Heidelberg e Berlim.

Mas qual seria a diferença central entre esses dois projetos? Seria reduutivo estabelecer diferenças entre as edições críticas, de Gethmann-Siefert e de Hebing/Jaeschke, pautando-se, única e exclusivamente, na interpretação de cada um deles. Por exemplo, seria reduitiva a afirmação de que as edições de Gethmann-Siefert procurariam acentuar o caráter assistemático da estética hegeliana, ao passo que as edições de Hebing/Jaeschke procuram recusá-lo no processo de seleção, composição e transcrição dos originais. Todavia, convém lembrar que essa diferença não é (no todo) descartável, haja vista que, para além das peculiaridades metodológicas e filológicas de cada edição – e das escolhas de composições no processo de seleção e transcrição dos mesmos materiais – a diferença interpretativa dos editores é deveras significativa. Por exemplo, enquanto Gethmann-Siefert enfatiza a importância dos cursos de 1818 (texto excluído das edições de Hotho), no qual Hegel ainda tratava a arte como “religião da arte”, no sentido da *Fenomenologia do espírito*, Jaeschke, por sua vez, enfatiza a importância dos cursos de 1828/29, nos quais justamente podemos encontrar uma divisão triádica e uma elaboração melhor acabada do sistema das artes hegeliano, tal como procuramos mostrar anteriormente. Outro exemplo, ligado à escolha do material, pode ser visto em relação aos cursos de 1826. Enquanto nas edições de Gethmann-Siefert os cadernos principais são os de Kehler e Pfordten, nas edições de Hebing/Jaeschke o caderno central é o de Griesheim, sendo que os cadernos de Kehler e Pfordten, dentre outros, são tratados como variações.

⁶⁵ HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst I. Nachschriften zu den Kollegien der Jahre 1820/21 und 1823. **Gesammelte Werke** Band 28.1. Herausgegeben von Niklas Hebing. Düsseldorf: Felix Meiner, 2015.

⁶⁶ HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst II. Nachschriften zu den Kollegien der Jahre 1826. **Gesammelte Werke** Band 28.2. Herausgegeben von Niklas Hebing und Walter Jaeschke. Hamburg: Felix Meiner, 2018.

⁶⁷ HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst III. Nachschriften zu dem Kolleg des Wintersemesters 1828/29. **Gesammelte Werke** Band 28.3. Herausgegeben von Jaeschke, Walter und Hebing, Niklas Georg Wilhelm Friedrich Hegel (no prelo).

⁶⁸ HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst IV. Anhang. **Gesammelte Werke** Band 28.4. Editorischer Bericht und Anmerkungen Herausgegeben von Niklas Hebing Georg Wilhelm Friedrich Hegel (no prelo).

Todavia, apesar de considerarmos significativa a diferença, por assim dizer, entre um “Hegel sistemático” (defendido por Hebing/Jaeschke) e um “Hegel assistemático” (defendido por Gethmann-Siefert), o que é mais interessante em relação às novas edições críticas, pelo menos em um primeiro contato com os textos, são as novidades trazidas pelos tópicos excluídos da edição de Hotho. Esses apócrifos da estética de Hegel certamente são úteis para elucidar e, até mesmo, para tangenciar questões que passam despercebidas nos trabalhos de interpretação da estética. Esse é o caso, por exemplo, do caráter antropomórfico da pintura romântica. Na edição de Hotho, o antropomorfismo da escultura do deus grego é apontado como sendo o melhor exemplo da beleza artística, justamente porque ele expressa uma perfeita adequação entre a figura (*Gestalt*) e o conteúdo (*Inhalt*) espiritual. No entanto, nos cadernos Ascheberg (1820/21) e do próprio Hotho (1823) o antropomorfismo é mais bem enfatizado pela pintura⁶⁹ uma vez que nela a forma humana é figurada de modo completo; por meio das cores a representação do humano-divino ou do divino-humano é mais viva e profícua. Esse caráter antropomórfico da pintura⁷⁰, por si só, implica a ressignificação do conceito de belo artístico que, nesse caso, já não é mais regido pelo princípio da adequação (forma/conteúdo), mas sim pelo princípio da amplificação das exposições (*Darstellungen*) do espírito – essa ressignificação do belo pode igualmente servir de fundamento para a desconstrução das acusações de classicismo e nacionalismo imputadas a Hegel.⁷¹ Do mesmo modo, a compreensão hegeliana do conceito de belo em comparação ao feio, ao repulsivo, etc., entraria como questão a ser investigada.⁷²

O caráter abstrato da pintura romântica é outra novidade trazida, especialmente, pelos cadernos Ascheberg (1820/21). Nele, lemos o seguinte: “a pintura é uma arte abstrata, pois sua representação é referida à superfície.”⁷³ Ela tem a cor por si

⁶⁹ HEGEL, **GW** 28.1, 2015, p. 164.

⁷⁰ HEGEL, **GW** 28.1, 2015, p. 476.

⁷¹ No texto *A arte moderna como superação da orientalidade e do classicismo – Hegel e o fim da arte*, Klaus Vieweg desconstrói, nos pormenores, as acusações de classicismo e nacionalismo atribuídas a Hegel, a partir da distinção entre conceitos de “beleza clássica” e “beleza livre”, os quais estão presentes na própria estética de Hegel. (Cf. VIEWEG, Klaus. *Arte moderna como superação da orientalidade e do classicismo – Hegel e o “fim da arte”*. In: WERLE, Marco Aurélio et al. **Arte e filosofia no idealismo alemão**. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2009, p.151-74).

⁷² Na verdade, essa questão já rendeu um trabalho de tese doutoral. Francesca Iannelli, orientada por Gethmann-Siefert, tratou do tema do feio a partir da estética hegeliana. (Cf. IANNELLI, Francesca. **Das Siegel der Moderne: Hegels Bestimmung des Hässlichen in den Vorlesungen zur Ästhetik und die Rezeption bei den Hegelianern**. Munique: Wilhelm Fink, 2007).

⁷³ Nas edições de Hotho encontramos algumas passagens que tratam do caráter abstrato da pintura, mas de modo muito latente. Por exemplo, quando Hegel está criticando o caráter poético atribuído às pinturas da Escola de Düsseldorf ele faz a seguinte afirmação: “se, por conseguinte, o caráter poético da pintura consiste no fato de que a pintura deve expressar imediatamente o interior, sem um motivo e uma ação mais determinados [...], isto significa apenas remeter a pintura a uma abstração que ela justamente deve evitar” (HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética III**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 248). Todavia, nas edições de Hotho, não encontramos

só, mas a totalidade material, as três dimensões, pertencem completamente à base corporal [*Körperlich*].”⁷⁴ Para além da dimensão material da cor e do corpo humano, por exemplo, a tão desafiadora pintura da carne humana, o caráter abstrato da pintura envolve igualmente questões ligadas ao conteúdo espiritual⁷⁵, tais como a autonomia formal do caráter, a ação, as colisões, os sentimentos, o humor etc. Essa pode ser uma chave de leitura interessante para pensar a questão da “atualização” da estética hegeliana, assim como para debater a questão da arte abstrata.

No que concerne aos conceitos de autonomia do caráter, sentimento, liberdade artística, alegria da fantasia, humor objetivo etc., pode-se afirmar que, na estética de Hegel, a pintura holandesa do século XVII se destaca no mesmo plano de importância atribuída à poesia dramática. Aliás, nas edições de Hotho⁷⁶, esse destaque da pintura holandesa já aparece articulado por Hegel. Todavia, é nos cadernos de Adolf Heimann, referente à última preleção de Hegel, a de 1828/29, que o conceito central de tratamento da pintura de gênero holandesa aparecerá de modo mais bem justificado por Hegel: o conceito de “caracterização” (*Charakteristik*).⁷⁷ Martin Donougho⁷⁸ analisou recentemente esse conceito e concluiu, entre outras coisas, que nos cursos de 1828/29 Hegel não apenas oferece amplo destaque à “caracterização” na pintura holandesa, como se apropria desse conceito – cunhado pelo seu colega Aloys Hirt, no artigo “Versuch über das Kunstschöne”, publicado em *Die Horen*⁷⁹ – para se posicionar em relação “tanto ao romantismo quanto ao classicismo de Weimar”. Segundo Donougho, Hegel usou da polêmica de Hirt contra o historiador de arte Karl Friedrich Von Rumohr “para contrastar o naturalismo deste último com um idealismo aberto à representação da vida cotidiana, tal como apresentada pela pintura de gênero holandesa”.⁸⁰

Na mesma direção de Donougho, Jacques Rancière⁸¹ também analisa a pintura e a arquitetura, partir dos cursos de 1828/29, e conclui que, nesse curso, a análise de Hegel oferece um papel significativo a essas duas artes: “a arquitetura, que encarna

nenhuma passagem na qual Hegel afirma claramente que “a pintura é uma arte abstrata”, assim como não encontramos passagens nas quais o caráter abstrato da pintura está associado aos elementos de conteúdo da expressão artística, tais como a ação, a colisão, a autonomia formal do caráter, dentre outros.

⁷⁴ HEGEL, **GW** 28.1, 2015, p. 156.

⁷⁵ HEGEL, **GW** 28.1, 2015, p. 157-160.

⁷⁶ HEGEL, 2001, p. 271-276.

⁷⁷ Sobre este conceito, nos cursos de 1828, pode-se ler o seguinte: o característico engloba um conteúdo que pode ser uma ocorrência na história ou alguma “característica individual”, e que depois deve ser “apresentado” como tal, isto é, formulado pela arte. (HEGEL, Georg W. F. **Philosophie der Kunst**: Vorlesungen von 1828/9. Herausgegeben von Alain Patrick Olivier und Annemarie Gethmann-Siefert. Munique: Wilhelm Fink. 2017, p. 9).

⁷⁸ DONOUGHO, Martin. Hegel’s “characteristic” (die Charakteristik) in 1828-29. **Studi di estetica**, anno XLVIII, serie IV, p. 83-102, Jan./Jul. 2020.

⁷⁹ HIRT, Aloys. Versuch über das Kunstschöne. **Die Horen**, v. 3, n. 7, p. 1-37, 1797.

⁸⁰ DONOUGHO, 2020, p. 88.

⁸¹ RANCIÈRE, Jacques. Les vertus de l’imparfait. **Studi di estetica**, 2020, p. 27-40.

a incapacidade da arte de dar um lar ao divino”, e a pintura, “que permite que a chama do espírito brilhe fugazmente sobre os aspectos mais evanescentes da realidade material”. Rancière conclui ainda que Hegel, ao analisar essas duas formas artísticas, estabelece “um novo paradigma da arte: a perfeição do imperfeito”.⁸² E as novidades não param por aí. Francesco Valagussa⁸³ defende que somente nos cursos de 1828/29 é que Hegel consegue superar o conceito abstrato de imitação como uma simples cópia da natureza, o que levará Hegel a não dar mais espaço à análise da beleza natural, transformando o conceito estético-kantiano de imitação em uma imitação artístico-espiritual, pautada na filosofia da arte e seu desenvolvimento histórico. Já Paul A. Kottman⁸⁴ considera que, nos cursos de 1828/29, encontramos uma nova chave-argumentativa no que tange à exclusão de Hegel do tato (e do paladar e do olfato) do âmbito do belo artístico. A conclusão de Kottman é a de que essa exclusão não significa que o tato não seja teórico para Hegel, mas tão somente que “o significado teórico do tato não pode ser compreendido artisticamente”. Por esse motivo, a filosofia da arte de Hegel “oferece recursos únicos para uma crítica de nossa cultura visual contemporânea e seu esquecimento das implicações morais e teóricas de como os seres humanos são tocados, ou tocam-se uns aos outros”.⁸⁵

Convém lembrar, porém, que consideramos questionáveis as afirmações do tipo “exclusivamente nos cursos do ano ‘x’ é possível encontrar um ‘novo Hegel’”, pois elas deixam a impressão de que as edições de Hotho suprimem conceitos centrais e relevantes do pensamento de Hegel para a estética de sua época e além dela. Longe disso, se analisarmos com cuidado as edições de Hotho veremos que os termos e/ou seus significados – por exemplo, a “caracterização”⁸⁶, a imitação “abstrata e concreta” da natureza⁸⁷, o significado teórico do sentido tátil⁸⁸, a arquitetura como morada imperfeita do divino⁸⁹, o brilho e o colorido da pintura⁹⁰, a “ironia prática” e a “ironia artística”⁹¹, entre outros – se encontram ali desenvolvidos, ainda que, em um caso ou outro, tais conceitos estejam “mais”, ou, “menos” justificados por Hegel. Nesse sentido, dizer das “novidades” trazidas pelos cadernos dos alunos de Hegel não significa, para nós, tratá-las como “conteúdos exclusivos”, no sentido de que eles eliminam a validade dos conteúdos e seleções das edições de Hotho. Assim sendo, discordamos de uma substituição das edições de Hotho, embora estejamos de acordo que os cadernos dos alunos de Hegel são complementos importantes para uma pesquisa renovada da estética hegeliana.

⁸² RANCIÈRE, 2020, p. 40.

⁸³ VALAGUSSA, Francesco. Tramonto dell’imitazione e filosofia dell’arte nella Vorlesungsmitschrift di Adolf Heimann. *Studi di estetica*, 2020, p. 67-81.

⁸⁴ KOTTMAN, Paul A. Noli tangere: On the limits of seeing and touching in Hegel’s philosophy of art. *Studi di estetica*, 2020, p. 41-66.

⁸⁵ KOTTMAN, 2020, p. 41.

⁸⁶ HEGEL, 2001, p. 275.

⁸⁷ HEGEL, 1999, p. 167.

⁸⁸ HEGEL, 2001, p. 24.

⁸⁹ HEGEL, 2001, p. 55.

⁹⁰ HEGEL, 2001, p. 230.

⁹¹ HEGEL, 1999, p. 84.

O sistema das cores na pintura é igualmente uma novidade apresentada pelas novas edições. Na edição de Hotho⁹² encontramos passagens que tratam do colorido da pintura, mas de forma bastante sintética. Nos cadernos de Kehler, Pfordten e Griesheim (1826), o “sistema das cores”⁹³ é tratado de modo aprofundado. Por exemplo, a cor da carne humana é tratada como síntese, como resultado da mistura de todas as cores. “Através da pele vemos o vermelho das artérias, o azul das veias, e o amarelado da pele combina-se com eles; e o amarelado pode aproximar-se do esverdeado”.⁹⁴ Hegel lembra a seguinte afirmação de Diderot: “Quem chegou à sensação [*Gefühl*] da carne já percorreu um longo caminho, e o resto não é nada; mil pintores morreram sem sentir [*fühlen*] a carne”.⁹⁵ Para Hegel, Albrecht Dürer⁹⁶ e os pintores holandeses foram os que mais se aproximaram da tonalidade real da carne humana.⁹⁷ Além dessa questão, encontramos nesses cadernos, igualmente, um forte acento no que tange às pinturas de paisagem e de retratos, assim como um espaço maior dedicado à pintura holandesa do século XVII. Sobre as pinturas de retrato encontramos afirmações inclusive de que “é dever do pintor expressar a situação geral do espírito nas características do retrato”.⁹⁸

Quanto aos textos sobre poesia, Werle⁹⁹ nos lembra, por exemplo, que nos cursos de 1820/21 e de 1823 o drama é abordado por Hegel em comparação com a tragédia antiga, abordagem que difere fundamentalmente dos cursos de 1826, o qual “abre espaço para o drama moderno e para o teatro, dando a entender que o tema do teatro se aproxima mais do assunto do drama moderno”. Além disso, nos cadernos de Hotho (1823) e de Kehler (1826) encontramos várias passagens nas quais Hegel tece críticas e elogios à Goethe e à Jean Paul.¹⁰⁰ Aliás, nas edições de

⁹² HEGEL, 2001, p. 230-242.

⁹³ HEGEL, Georg W. F. **Philosophie der Kunst oder Ästhetik**: Nach Hegel im Sommersemester 1826. Band 2. Hg. Annemarie Gethmann-Siefert. Munique: Wilhelm Fink, 2004, p. 188.

⁹⁴ HEGEL, 2004, p. 189.

⁹⁵ HEGEL, 2004, p. 189.

⁹⁶ Albrecht Dürer (1471 - 1528) foi pintor e teórico da arte alemã. Foi considerado um dos mais conhecidos e influentes artistas do renascimento nórdico. Dürer nasceu e faleceu em Nuremberg. Entre as obras mais conhecidas, destaca-se *Lamentação de Cristo* (1498), *Adão e Eva* (1504) e *Melancolia* (Gravura de 1514).

⁹⁷ HEGEL, 2004, p. 189; HEGEL, **GW** 28.1, 2015, p. 175.

⁹⁸ HEGEL, **GW** 28.1, 2015, p. 171.

⁹⁹ WERLE, 2005, p. 34.

¹⁰⁰ HEGEL, **GW** 28.1, 2015, p. 199. Em relação aos elogios e às críticas de Hegel à Jean Paul, há que se perguntar se Hegel teria uma posição mitigada da obra de Jean Paul no que tange à distinção entre ironia e humor. Hegel trata a ironia como uma posição subjetivo-espiritual destituída de substancialidade, o que não ocorre no caso do humor. Ao tratar dessa questão, Niklas Hebing (2013, p. 260) considera o seguinte: “a ironia romântica expressa o sujeito absoluto que, ao agarrar-se ao mundano, se perde na frieza do vazio insubstancial. O humor, por outro lado, vive no cotidiano e tenta apropriar-se da riqueza mais profunda do significado substancial através do riso. Especialmente no que diz respeito a Hegel, esta diferença é motivo para indecisão”. Assim, [...] “deve haver ambivalência no confronto de Hegel com Jean Paul, porque ele extrai a diferença e a ambivalência da crítica irônica e do humor subjetivo deste último - de fato, porque o próprio Jean Paul já se poetiza de forma autocontraditória”. Sobre esse debate, conferir:

Hotho, encontramos poucas críticas¹⁰¹ e muitos elogios a Goethe; nos cadernos de Kehler¹⁰², ao contrário, encontramos mais críticas. Por exemplo, quando Hegel trata, nos cursos de 1826, do tema da ironia e da sua relação com o conteúdo moral (o *pathos*), ele considera as tragédias de Schiller “enérgicas, claras, brilhantes e esplendorosas”, ao contrário das tragédias de Goethe que “não estão nesse verdadeiro *pathos*, por mais perfeitas que sejam, e por isso não têm esse efeito no palco”.¹⁰³

Em relação ao conceito de ação, Giulia Battistoni¹⁰⁴ defende a relevância dos cursos de 1828/29 no que tange a relação entre a estética e a filosofia do direito de Hegel. Segundo Battistoni, essa relação é de crucial importância, sobretudo, para o esclarecimento da diferença entre “a autoconsciência heroica e a consciência moral moderna, assim como suas diferentes atitudes em relação às suas ações e responsabilidades e o significado autêntico do conceito hegeliano de “interesse dramático [*dramatisches Interesse*]”.¹⁰⁵ Francesco Campana¹⁰⁶ também destaca a relevância dos cursos de 1828/29, no que concerne à distinção entre os conceitos de “ironia prática” e “ironia artística”. Para Campana, “a análise do último curso dos anos 1828/29 é de particular importância, pois ali a noção de ironia, que tradicionalmente parece ser duramente criticada por Hegel, é tomada como um momento decisivo para o próprio conceito de arte”. A aposta conclusiva de Campana é a de que a discussão deste curso de 1828/29 “pode levar a uma redefinição da interpretação da ironia de Hegel, tal como foi estabelecida por grande parte da tradição crítica”.

Todavia, convém acrescentar que as edições de Hotho já sugerem esta distinção entre “ironia prática” e “ironia artística”, mesmo que a partir de outros termos. Logo na introdução da versão impressa de Hotho, Hegel afirma que a ironia em si mesma “tomada em sua abstração, toca as raias do princípio cômico; mas o cômico deve ser neste parentesco essencialmente distinguido da ironia”.¹⁰⁷ Ora, o que Hegel chama de “ironia artística” nos cursos de 1828/29 é análogo ao que nas edições Hotho aparece como o “artisticamente cômico”, o qual se restringe a aniquilar o que “é em si mesmo nulo, um fenômeno falso, contraditório”¹⁰⁸ – ao contrário da ironia prática, que pode ser comparada a um “tritador” não apenas “do que é falso”, mas também de “conteúdos espirituais verdadeiros”. Isso quer dizer que os termos “ironia prática” e “ironia artística”¹⁰⁹, assim como os contornos e desdobramentos que eles receberam nos cursos de 1828/29 são, de

HEBING, 2013, p. 253-261.

¹⁰¹ HEGEL, 2000, p. 35.

¹⁰² HEGEL, 2004, p. 198; 201; 203-4; 224; 226; 229.

¹⁰³ HEGEL, 2004, p. 229.

¹⁰⁴ BATTISTONI, Giulia. Azione e coscienza in Hegel: tra filosofia dell'arte e filosofia del diritto. **Studi di estetica**, 2020, p. 103-128.

¹⁰⁵ BATTISTONI, 2020, p. 103.

¹⁰⁶ CAMPANA, Francesco. La concezione hegeliana dell'ironia e il corso berlinese del 1828-29. **Studi di estetica**, 2020, p. 129-45.

¹⁰⁷ HEGEL, 1999, p. 84.

¹⁰⁸ HEGEL, 1999, p. 84.

¹⁰⁹ HEGEL, 2017, p. 43.

fato, novidades (assim como são extremamente importantes todas as interpretações renovadas da estética hegeliana), mas o significado destas modulações já está presente, mesmo que de modo mitigado e pouco desenvolvido, nas edições de Hotho.

Essas novidades trazidas pelas edições críticas, como já defendemos anteriormente, devem ser tomadas como complementares à edição de Hotho, e não como substitutas, já que as diferenças e peculiaridades de cada edição muito mais acrescentam do que comprometem, de modo incontornável, as originais intenções de Hegel. Nesse sentido, concordamos com Werle¹¹⁰ que, tanto a questão da (as) sistematicidade do pensamento estético de Hegel, quanto a utilização e direcionamento dado a esses materiais dependerá da “*posição assumida pelo intérprete quanto ao pensamento de Hegel*”. Já no que diz respeito à autenticidade das edições de Hotho, é preciso lembrar do seguinte: seja por ironia do destino, predição, seja lá o que for, Hotho já havia sinalizado o risco de ser acusado de falsificação e, por isso mesmo, evitou seguir orientações de editores da época, que defendiam “amarrar com solidez filosófica o que estivesse solto”.¹¹¹ No prefácio à primeira edição de 1835, Hotho afirma que essa correção desejada pelos editores “seria propriamente uma falsificação e um atentado contra a fidelidade e verdade de documentos históricos”.¹¹² Ao mesmo tempo, ele assume:

em certa medida, quanto ao particular, fui infiel a Hegel. Na medida em que era necessário retirar períodos isolados e apresentações, ora deste ano ora daquele ano, das diferentes preleções, para que se pudesse explorar completamente o material disponível, não foi possível, nas idas e vindas das transições linguísticas, evitar e introduzir pequenos elos que fizessem as devidas pontes. Esta arbitrariedade eu também não me teria permitido se o próprio Hegel não tivesse tido a preferência de sempre alternadamente manusear com amor e minúcia *outros* capítulos nas diferentes elaborações.¹¹³

É sabido que Gethmann-Siefert dedicou muito anos da sua carreira à estética de Hegel e, sem dúvida, é uma das pesquisadoras que mais possui intimidade com os textos estéticos de Hegel. Isso, por si só, já é índice de que suas acusações a Hotho não são descabidas, embora a possibilidade de um certo excesso não seja totalmente descartável, como apontado por Jaeschke e Werle. Por outro lado, percebemos que a querela em torno das edições de Hotho é frágil e difícil de ser tratada, sobretudo, porque muitos dos originais da estética hegeliana foram perdidos, fato esse que pode ocasionar especulações de ordem meramente retórica e psicológica. Para oferecer um exemplo sobre essa possibilidade poderíamos colocar a seguinte dúvida: teria Hotho “batido o prego e jogado fora o martelo” de propósito, por ter, após as suas edições, presenteado amigos com parte dos originais, fazendo se perder uma parte significativa de fragmentos de manuscritos e anotações de próprio punho de Hegel (como é o caso, por

¹¹⁰ WERLE, 2005, p. 31.

¹¹¹ HEGEL, 1999, p. 22.

¹¹² HEGEL, 1999, p. 22.

¹¹³ HEGEL, 1999, p. 22-23.

exemplo, dos famosos fragmentos de manuscritos da época de Heidelberg)? Ainda que fosse plausível tal questionamento, ele ainda assim permaneceria latente, dado a sua própria natureza psicológica: como seria possível saber com exatidão as reais intenções de Hotho ao presentear amigos com textos originais de Hegel?

Ainda, à guisa de conclusão, gostaríamos de deixar claro o seguinte. Se, por um lado, a querela em torno das edições de Hotho exige dos leitores um estudo “dual”, pautado em pelo menos duas edições diferentes, por outro lado, ela permite despertar um renovado interesse pela estética hegeliana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HEGEL, Georg W. F. **Estética**: A ideia e o ideal. Trad. Orlando Vitorino e Álvaro Ribeiro. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1988. Tradução da edição alemã organizada por Georg Lasson, Leipzig, Meiner, 1931.
- HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética I**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: EDUSP, 1999. Tradução da edição alemã organizada por Hotho, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1986.
- HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética II**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: EDUSP, 2000. Tradução da edição alemã organizada por Hotho, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1986.
- HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética III**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: EDUSP, 2001. Tradução da edição alemã organizada por Hotho, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1986.
- HEGEL, Georg W. F. **Cursos de estética IV**. Trad. Marco Aurélio Werle, Oliver Tolle. São Paulo: EDUSP, 2002. Tradução da edição alemã organizada por Hotho, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1986.
- HEGEL, Georg W. F. **Vorlesungen über Ästhetik**. Berlin 1820/21. Eine Nachschrift. Band 1. Hg. von Helmut Schneider. Frankfurt am Main: Peter Lang GmbH, 1995.
- HEGEL, Georg W. F. **Philosophie der Kunst oder Ästhetik**: Nach Hegel im Sommersemester 1826. Band 2. Hg. Annemarie Gethmann-Siefert. Munique: Wilhelm Fink, 2004.
- HEGEL, Georg W. F. **Vorlesungen über die Philosophie der Kunst**: im Sommersemester 1823. 2 Auflage. Hg. Annemarie Gethmann-Siefert. Hamburgo: Felix Meiner, 2003.
- HEGEL, Georg W. F. **Philosophie der Kunst**: Vorlesungen von 1826. Herausgegeben von Annemarie Gethmann-Siefert und Jeong-Im Kwon und Karsten Berr. 3 Auflage. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2016.
- HEGEL, Georg W. F. **Vorlesungen zur Ästhetik 1828/9**. Herausgegeben von Alain Patrick Olivier und Annemarie Gethmann-Siefert. Munique: Wilhelm Fink, 2017.

- HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst I. Nachschriften zu den Kollegien der Jahre 1820/21 und 1823. **Gesammelte Werke** Band 28.1. Herausgegeben von Niklas Hebing. Düsseldorf: Felix Meiner, 2015.
- HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst II. Nachschriften zu den Kollegien der Jahre 1826. **Gesammelte Werke** Band 28.2. Herausgegeben von Niklas Hebing und Walter Jaeschke. Hamburg: Felix Meiner, 2018.
- HEGEL, Georg W. F. Vorlesungsmanuskripte II (1816-1831). **Gesammelte Werke** Band 18. Herausgegeben von Walter Jaeschke. Düsseldorf: Felix Meiner, 1995.
- HEGEL, Georg W. F. Schriften und Entwürfe (1799-1808). **Gesammelte Werke** Band 5. Herausgegeben von Manfred Baum und Kurt Rainer Meist. Düsseldorf: Felix Meiner, 1998.
- HEGEL, Georg W. F. Jenaer Systementwürfe III. **Gesammelte Werke** Band 8. Herausgegeben von Rolf-Peter Horstmann und Johann Heinrich Trede. Düsseldorf: Felix Meiner, 1976.
- HEGEL, Georg W. F. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1817). **Gesammelte Werke** Band 13. Herausgegeben von Wolfgang Bonsiepen und Klaus Grotzsch. Düsseldorf: Felix Meiner, 2000.
- HEGEL, Georg W. F. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1827). **Gesammelte Werke** Band 19. Herausgegeben von Wolfgang Bonsiepen und Hans Christian Lucas. Düsseldorf: Felix Meiner, 1989.
- HEGEL, Georg W. F. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830). **Gesammelte Werke** Band 20. Herausgegeben von Wolfgang Bonsiepen und Hans Christian Lucas. Düsseldorf: Felix Meiner, 1992.
- HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst III. Nachschriften zu dem Kolleg des Wintersemesters 1828/29. **Gesammelte Werke** Band 28.3. Herausgegeben von Jaeschke, Walter und Hebing, Niklas Georg Wilhelm Friedrich Hegel (no prelo).
- HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Kunst IV. Anhang. **Gesammelte Werke** Band 28.4. Editorischer Bericht und Anmerkungen Herausgegeben von Niklas Hebing Georg Wilhelm Friedrich Hegel (no prelo).
- BATTISTONI, Giulia. Azione e coscienza in Hegel: tra filosofia dell'arte e filosofia del diritto. **Studi di estetica**, anno XLVIII, serie IV, p. 103-128, Jan./Jul. 2020.
- CAMPANA, Francesco. La concezione hegeliana dell'ironia e il corso berlinese del 1828-29 **Studi di estetica**, anno XLVIII, serie IV, p. 129-45, Jan./Jul. 2020.
- DONOUGHO, Martin. Hegel's "characteristic" (die Charakteristik) in 1828-29. **Studi di estetica**, anno XLVIII, serie IV, p. 83-102, Jan./Jul. 2020.
- DUDLEY, Will. **Idealismo alemão**. Trad. Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GETHMANN-SIEFERT, Annemarie. Ästhetik oder Philosophie der Kunst. **Hegel-Studien 26**, Bonn, 1991.

- IANNELLI, Francesca. **Das Siegel der Moderne**: Hegels Bestimmung des Hässlichen in den Vorlesungen zur Ästhetik und die Rezeption bei den Hegelianern. Munique: Wilhelm Fink, 2007.
- HEBING, Niklas. Des Luftschifffahrers lachende Zerstörung Hegel und Jean Paul. **Hegel-Jahrbuch** 2013, Hegel und die Moderne, 2 Teil, hg. v. A. Arndt, M. Gerhard, J. Zovko, Berlin 2013, p. 253-261.
- HIRT, Aloys. Versuch über das Kunstschöne. **Die Horen**, v. 3, n. 7, p. 1-37, 1797.
- JAESCHKE, Walter. **Hegel Handbuch**: Leben, Werk, Schule. 3. Auflage. Stuttgart: J. B. Metzler Verlage GmbH, 2016.
- JAESCHKE, Walter; BAUER, Christoph J. Georg Wilhelm Friedrich Hegel: Das Editionsprojekt der Gesammelten Werke. **Deutsche Zeitschrift für Philosophie**, 62, n. 1, Bochum, 2014, p. 41-63.
- JAESCHKE, Walter. Die Gedoppelte Schönheit. Idee des Schönen oder Selbstbewusstsein des Geistes? **Gebrochene Schönheit**. Hegels Ästhetik: Kontexte und Rezeptionen. Hg. von A. Arndt, G. Kruck und J. Zovko. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 2014. p. 17-29.
- JAESCHKE, Walter. Probleme der Edition der Nachschriften von Hegels Vorlesungen. **Allgemeine Zeitschrift für Philosophie** 1, 1980, p. 51-63.
- JAESCHKE, Walter. **Hegels Philosophie**. Hamburgo: Felix Meiner, 2020.
- JAMME, Christoph. Editionspolitik: Zur "Freundensvereinausgabe" der Werke G. W. F. Hegels. **Zeitschrift für philosophische Forschung**, Band 38, 1984, p. 184-209.
- KOTTMAN, Paul A. Noli tangere: On the limits of seeing and touching in Hegel's philosophy of art. **Studi di estetica**, anno XLVIII, serie IV, p. 41-66, Jan./Jul. 2020.
- RANCIÉRE, Jacques. Les vertus de l'imparfait. **Studi di estetica**, anno XLVIII, serie IV, p. 27-40, Jan./Jul. 2020.
- VALAGUSSA, Francesco. Tramonto dell'imitazione e filosofia dell'arte nella Vorlesungsmitschrift di Adolf Heimann. **Studi di estetica**, anno XLVIII, serie IV, p. 67-81, Jan./Jul. 2020.
- VIEWEG, Klaus. Arte moderna como superação da orientalidade e do classicismo – Hegel e o "fim da arte". In: WERLE, Marco Aurélio et al. **Arte e filosofia no idealismo alemão**. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2009, p.151-74.
- WERLE, Marco Aurélio. **A poesia na estética de Hegel**. São Paulo: Humanitas, 2005.

Artigo recebido em 25/05/2020

Aceito em 22/06/2020